

VIVÊNCIAS NA CRECHE: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS.

JANETE THEISEN ETGES¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise das vivências na creche e o que as mesmas contribuem no desenvolvimento das crianças de 0 a 3 anos de idade. Trata-se de um relato de experiências vivenciadas junto as crianças do Centro de Educação Infantil de Tunápolis, bem como de uma pesquisa bibliográfica relacionada ao tema. Com a implantação da creche, sentiu-se a necessidade de conhecer melhor as crianças com as quais trabalhamos diariamente, e realizar uma pesquisa de como podemos estimular as mesmas, levando em consideração o desenvolvimento nos diferentes aspectos: socialização, linguagem, cognição, auto-cuidados, desenvolvimento motor e desenvolvimento emocional.

PALAVRAS CHAVE: Criança; Desenvolvimento; Brincar.

1 INTRODUÇÃO

As crianças estão vindo cada vez mais cedo para a creche. Os pais precisam trabalhar para manter o sustento da família. A grande maioria das famílias não tem condições financeiras de manter uma empregada doméstica, então uma das opções é deixar as crianças na creche. Ariés (apud REDIN, 2007), destaca o período da idade média no qual as crianças eram consideradas apenas como sujeitos biológicos, vidas nuas a serem geridas pelas instituições escolares. Sem dúvida não era levado em conta seus desejos, sua infância, negando as crianças uma vida com dignidade.

Apesar de se ter evoluído muito no sentido de valorizar a criança e suas infâncias, ainda na contemporaneidade, percebemos que muitas famílias deixam seus filhos na escola para serem apenas cuidados, não compreendendo a real finalidade da educação infantil.

Concepções sobre a infância como um período de insignificância, como um tempo de aprender para ser logo adulto civilizado e da criança como um ser que não precisava ser ouvido fazem parte do nosso imaginário social. Na mentalidade da maioria dos adultos a criança é um ser que pouco ou nada tem a dizer. Para ser acreditada precisa, inclusive, passar antes pela escola. (REDIN, 2007. p.15)

Assim como a concepção de criança e de infância equivocada prejudicou o desenvolvimento infantil a escola também foi afetada. Com o surgimento dos primeiros jardins de infância as crianças passam a ter mais espaço, no entanto o papel da escola era

¹Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Faculdades Integradas do Vale do Ribeira de Registro São Paulo; Graduada em Pedagogia – Educação Infantil pela UNIJUI _ Universidade do Noroeste do Rio Grande do Sul; Professora de Educação Infantil efetiva na Rede Municipal de Ensino de Tunápolis – SC.

assistencialista, na verdade não estava preocupada com a infância, mas sim com um local adequado para se “guardar” as crianças enquanto os pais trabalhavam.

A escola foi um dos espaços que mais se modificou porém, “a escola continua em crise, embora como modelo único e legítimo da educação da infância” (REDIN, 2007, p.15). Os tempos são outros, mas as dificuldades continuam desafiando os educadores, enquanto na idade média a criança era adultizada, hoje os problemas não diferem muito e ainda acrescidos pela violência da modernidade, pelo consumo exagerado e pela mudança de valores éticos.

Somente com políticas educacionais eficazes e muito planejamento escolar é que a escola será: “ [...] um lugar de ser, de sentir, um lugar de conhecer, um lugar de descobrir, um lugar de encantar,(...) um lugar de compartilhar (...) um tempo de tudo (...) um pequeno grande mundo, onde dimensões múltiplas se mesclam.” (REDIN, 2007, p.17, apud, REDIN, 2002, p.136 – 137.).

Assim o cotidiano na escola de educação infantil será significativo para as crianças, se for um espaço de trocas e de valorização das infâncias. Para isso o papel do educador é indispensável, pois ele é o responsável pela organização do espaço, dos brinquedos e pela recepção das crianças no ambiente escolar. A maneira como é feito esses encaminhamentos refletem as concepções do professor e da escola.

Parafraseando o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil a criança tem o direito a experiências educativas que considerem suas especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas (BRASIL, 1998). Ademais, ao iniciarem sua trajetória de vida, as crianças têm direito à saúde, amor, aceitação e segurança. Pensando em tudo isso, é necessário um currículo na creche que leve em conta o bem estar dessas crianças e, acima de tudo, que promova o desenvolvimento das mesmas de forma íntegra.

Com tudo isso, surge a seguinte questão: O que é importante trabalhar na creche? No intuito de refletir sobre esse questionamento foi necessário desenvolver uma pesquisa bibliográfica, e ao mesmo tempo, empírica, já que a prática e as vivências em sala de aula nos auxiliam a compreender os processos educativos. Para a pesquisa empírica, o lócus de observação foram as turmas 1, 2 e 3 da creche com idade entre 1 a 3 anos, do Centro de Educação Infantil de Tunápolis na qual autora trabalha como professora a 4 anos, ou seja, desde a implantação da creche no município de Tunápolis.

É pela observação diária dos interesses e da evolução do brincar de cada criança que se pode acompanhar a qualidade do trabalho pedagógico. Os instrumentos de observação e registro devem servir como base para o planejamento das atividades. Uma estratégia para organizar os registros é definir diariamente que crianças devem ser observadas, a fim de que, ao longo da semana, seja possível observar todo o agrupamento. (KISHIMOTO, 2002 p.15)

A inquietação sobre como trabalhar, que atividades desenvolver para que as crianças tenham seus direitos de aprendizagem garantidos pela escola, remete aos professores realizar, um estudo mais aprofundando do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Desse modo, compreendemos a importância do brincar na creche. Neste sentido, esse trabalho dedica-se a esclarecer como as brincadeiras nos espaços escolares contribuem para o desenvolvimento integral da criança.

Partindo desse pressuposto, não há como falar em creche sem falar em brincar. Brincar para as crianças da creche, é tão importante quanto trabalhar é para nós adultos. Brincando as crianças experimentam, descobrem, imitam, inventam, aprendem e conferem habilidades. Brincando as crianças desenvolvem potencialidades, e revelam um conteúdo riquíssimo, que pode ser usado para estimular o aprendizado. Dessa forma, compartilhamos das ideias de Kishimoto (2002, p.2) “Para educar a criança na creche, é necessário integrar não apenas a educação ao cuidado, mas também a educação, o cuidado e a brincadeira. Essa tarefa depende do projetocurricular.”

O brincar contribui muito para a socialização, pois fazem amigos, aprendem a compartilhar e a respeitar o direito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo. Envolvem-se nas atividades apenas pelo prazer de participar, sem visar recompensas nem temer castigos. Brincando as crianças buscam sentido para tudo o que as rodeia, construindo suas hipóteses sobre as mais diferentes situações.

2. BRINCAR NA CRECHE

Brincar é indiscutivelmente o mundo da criança. Durante o brincar a criança se sente livre para fazer o que mais gosta.

Existem muitas formas de brincar. Quanto mais a criança brinca, mais ela se sente estimulada a descobrir o mundo ao seu redor. Ao falar em brincar, precisa-se levar em conta de que o mesmo já acontece diariamente na nossa creche. Todas as pesquisas e leituras até aqui realizadas, buscando melhorar cada vez mais o trabalho na creche, nos apontam eixos norteadores que estimulam o desenvolvimento integral da criança. São momentos diversificados, nos quais o brincar é a base de cada um deles. Ao planejarmos o trabalho com as crianças, é importante levar em conta esses eixos e ter clareza dos objetivos de cada um deles. Nesse sentido, este artigo irá fazer uma abordagem de cada aspecto importante a ser trabalhado na creche.

Brincando as crianças desenvolvem potencialidades, e revelam um conteúdo riquíssimo, que pode ser usado para estimular o aprendizado. Durante o brincar, observamos atentamente as crianças, questionando-as, interrogando-as para que busquem na sua memória momentos já vivenciados.

Através do brincar as crianças também amadurecem algumas capacidades de socialização, pois fazem amigos, aprendem a compartilhar e a respeitar o direito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo e a envolver-se nas atividades apenas pelo prazer de participar, sem visar recompensas nem temer castigos. Brincando as crianças estarão buscando sentido para a vida.² Pode-se perceber isso nas brincadeiras de faz de conta, as quais cada qual representa um papel. Numa cena representando a família, uma é o pai, a outra, a mãe, o irmão, a irmã. Cada membro da família fica responsável em realizar uma tarefa: cuidar do bebe, fazer comida, etc.

Os bebês começam a andar, emitir palavras. Sabemos que tudo isso não é mágica, mas resultado de um processo cheio de detalhes importantes que acontecem desde o seu nascimento, na relação entre e os seus “vários outros” com os quais se relaciona, tornando-se um sujeito capaz de crescer, se desenvolver e ocupar um lugar próprio no mundo.³

Em 1998, o Ministério da Educação (MEC), publicou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, documento que aponta metas de qualidade para garantir o desenvolvimento das crianças na creche e na pré-escola. São metas, que levam em conta o desenvolvimento integral da criança.

É necessário oferecer cuidado, segurança, acolhimento e condições para o desenvolvimento subjetivo e intelectual das crianças de 0 a 3 anos. Não podemos nos limitar e dizer que basta cuidar e educar e responder as necessidades físicas de uma criança, para que ela cresça saudável; é necessário atribuir significados, responder as suas demandas, ter expectativas.

2.1 -EXPLORAÇÃO DOS OBJETOS E BRINCADEIRAS

Este eixo se baseia na ideia de que brincando a criança desenvolve a capacidade de imaginar e aprende a viver em grupo. Por meio do jogo simbólico, a criança passa a dar diferentes significados a um único objeto⁴, ou seja: uma pecinha de montar passa a ser um

² Anotações do caderno pessoal da autora.

³ Anotações do caderno pessoal da autora.

⁴ Anotações do caderno pessoal da autora.

telefone, um carrinho, uma comida...Um potinho qualquer passa a ser uma panela, um prato ou um utensílio para carregar outros objetos.

A partir dos 2 anos, as brincadeiras tradicionais, como as cirandas, são facilmente aprendidas e o faz de conta propicia a criação por meio de uma negociação de significados e regras compartilhadas. Quando brincam de faz de conta as crianças analisam aspectos da vida cotidiana e conquistam espaços de poder que as auxiliam a confrontar o mundo e os adultos. É o faz de conta uma das principais marcas da entrada da criança no jogo simbólico, no universo da cultura e da sociedade.⁵

A brincadeira e o faz de conta são meios de desenvolver a linguagem, pois é imaginando que a criança se comunica, constrói histórias e expressa vontades. A liberdade que o brincar proporciona é fundamental para o desenvolvimento da criança, por levá-la a conciliar o mundo concreto e a sua imaginação.⁶

São inúmeros brinquedos disponíveis no comércio, das mais variadas formas, cores e texturas. Porém, observa-se diariamente nas salas de aula da creche, que a criança não necessita de brinquedos caros, para ser feliz. Nessa fase, qualquer objeto que esteja a sua disposição se torna um brinquedo. É importante também nessa fase dar ênfase a brinquedos que não transmitam muita luz e ruídos muito altos que danifiquem a visão e a audição das crianças. Na creche confeccionamos, diversos brinquedos com sucatas e os mesmos estão sendo muito apreciados pelas crianças. Utilizamos pequenas garrafinhas Pet, nelas colocamos diferentes objetos e materiais, com sons, texturas, cheiros e cores diferentes. Esse material permite a exploração sensório-motora.

Goldschmied e Jackson (2006), nos apresentam a proposta de um “Cesto de Tesouros”. Conforme o livro, este cesto consiste em brinquedos do dia-a-dia e não comprados, como: tampa de panela, chaves, potes vazios de xampu e perfume, com fragrâncias diferentes, carretéis, caroços de frutas, lanterna, penas de aves, estojos de óculos de sol com zíper para abrir e fechar, garrafas coloridas, chocalhos... As ressalvas de segurança são assegurar que as peças tenham tamanho maior que a boca da criança aberta.

[...] Ao observar proximamente um bebê com os objetos contidos no Cesto de Tesouros, podemos perceber quantas coisas diferentes ele faz com eles, olhando, tocando, apanhando-os, colocando-os na boca, lambendo-os, balançando-os, batendo com eles no chão, juntando-os, deixando-os cair, selecionando e descartando o que o atrai ou não. (GOLDSCHMIED e JACKSON 2006p.115)

Por meio destas atividades as crianças vão descobrindo coisas a respeito de peso, tamanho, formas, texturas, sons e cheiros. Porém, é necessário periodicamente substituir e

⁵Anotações do caderno pessoal da autora.

⁶Anotações do caderno pessoal da autora.

repor objetos do cesto para estimular ainda mais a curiosidade e o desenvolvimento das crianças.

Precisamos ter o cuidado de não intervir sempre quando uma criança estiver explorando um brinquedo, ou seja, quando estiverem em uma atividade prazerosa. A companhia amigável de um adulto já lhe basta, a menos que a criança claramente precise de atenção.

Bondioli, (1998,) enfatiza que:

[...]é necessário que o adulto preste muita atenção na progressão evolutiva da criança com quem brinca, que saiba reconhecer não somente as atividades lúdicas imediatamente satisfatórias para as crianças, mas que saiba intuir quando ela está pronta para um salto de qualidade, intervindo com propostas de jogo inéditas ou mais complexas.

Temos a possibilidade de registro e acompanhamento do desenvolvimento das crianças na escola. Todo mês os professores tem a oportunidade de fazerem registro das principais atividades desenvolvidas e refletir sobre a prática pedagógica. Isso acontece em forma de relatório a ser enviado a Secretaria de Educação. Dessa forma, faz-se uma análise da prática para posteriormente planejar atividades de intervenção adequadas a cada fase do desenvolvimento infantil.

2.2- LINGUAGEM ORAL E COMUNICAÇÃO

De uma forma ou outra precisamos nos comunicar. Somos humanos e precisamos expressar nossas alegrias, tristezas, angustias, ansiedades. Muitas das crianças que frequentam a creche ainda não conseguem expressar com palavras seus sentimentos, mas conforme Ortiz e Carvalho (2013),

O corpo fala, os olhares falam, o riso fala, o choro fala, as mudanças de comportamento falam. Sem ainda se utilizar das palavras, o bebê fala, se comunica, nos contando quando sente fome, dor, quando está satisfeito, quando descobre algo interessante, quando alguma coisa nova acontece. São os primeiros sinais comunicativos da criança que se modificam com o tempo e com os quais o bebê é capaz de se comunicar enquanto desenvolve sua capacidade cognitiva. (p.157)

Como educadores precisamos estar atentos a todas as manifestações, tentando interpretar cada uma delas. Para Ortiz e Carvalho (2013),

É bastante complexo o caminho que transforma o bebê de não falante a falante. Depende sempre do contexto relacional no qual esta inserido, quer dizer, se é um ambiente que favorece a comunicação, se é um bebê acolhido de modo afetivo e significativo, se suas necessidades estão sendo respondidas a contento. E depende, também se de fato o adulto que está cuidando da criança entende as manifestações expressivas do bebê como linguagem e por isso tem responsabilidade e o atende, atribuindo sentido as suas manifestações. (157-158)

Isso nos mostra que as diferentes formas sociais de comunicação têm um papel fundamental na aprendizagem das crianças. As crianças que vivem num ambiente rico em interações, aprendem a demonstrar angústias, desejos, sentimentos e necessidades. E aí a creche é rica: os bebês brincam, conversam com os coleguinhas e o professor, ouvem histórias e a descrição que o adulto está fazendo.⁷

O momento da troca de fraldas também é rico para estimular a comunicação. É um momento único, exclusivo, entre o educador e criança. Estar perto dela, olhar nos olhos, conversar sobre ela, sobre sua família, sobre coisas que são de seu interesse, desperta a linguagem e o desejo de se comunicar.

Pequenos vídeos educativos, cantigas dramatizadas, encenadas com gestos e imagens, são outros aliados no desenvolvimento da linguagem. As crianças adoram ouvir músicas que falem de animais, reproduzir o som que fazem, ou mesmo que as convidam para movimentar o seu corpo, dançar, girar, pular, bater palmas, sentar, deitar, apontar para as partes do corpo.

Também é muito importante priorizar momentos, espaços de contato com a literatura infantil. Momentos em que um adulto leia e mostrem livros para as crianças e outros em que as crianças escolham seu próprio livro para ler e apreciar as figuras, manusear as próprias páginas tentando acompanhar a história. No início, provavelmente irão rasgar, morder, levar até a boca. Nesse momento é importante a interação de um adulto leitor, que irá incentivar a criança a usar o mesmo de forma a não rasgá-lo.

Importante também, valorizar e preservar a língua materna, para se sentirem confiantes. Conforme Goldschmied e Jackson, (2006, p.167)“Se não valorizarmos a língua materna a criança corre o risco de esquecê-la, o que pode implicar em uma redução da intimidade de dentro da família e também em perda de valores, tradições culturais, crenças e sabedoria familiar”.

2.3 – DESAFIOS CORPORAIS

Não existe hora específica para colocar a turminha para se movimentar. Ao contrário, é necessário fazer isso o tempo todo na creche. Assim que a criança dominar a habilidade de engatinhar, ela pode mover-se para qualquer lugar, e este período se torna bastante cansativo para o adulto que cuida dela. Pular, rolar, subir, descer, balançar, entrar, sair, correr, tudo é fundamental e o jeito que elas têm de se relacionar com o mundo.

⁷Anotações do caderno pessoal da autora.

É importante garantir essa liberdade de movimentos e evitar que ela cresça cercada de cuidados exagerados. A criança precisa criar desde cedo consciência corporal, precisa saber proteger-se no momento de uma queda, e não chorar por qualquer tombo. Quando as crianças tem um espaço de liberdade para se movimentar aprendem a medir sua força e seus limites.⁸

“A hora de brincar é o momento em que a criança menos precisa de um adulto, pois ela sabe fazer isso melhor do que ninguém” [...] As crianças precisam de um adulto na hora da higiene, da comida”. (AZEVEDO, 2013,p.42)

É indispensável portanto, que a creche ofereça espaços para as crianças rolar, engatinhar, sentar, andar, correr, saltar segurar objetos e arremessá-los, manipulá-los e encaixá-los. Todos os espaços são especiais para a realização desta atividade, dentro da sala de aula, parque, ginásio da escola, quintal nos fundos da creche.

Estimular a exploração de diferentes espaços através de diversos movimentos, como engatinhar, sentar, manipular objetos, arrastar-se, rolar (circuito de obstáculos: tuneis, passar por baixo de..., pneus, etc) é imprescindível para o processo de ensino e aprendizagem na creche.

Porém, é importante destacar que ao oferecermos um ambiente rico, ou seja, cheio de desafios à criança, ela irá se desafiar para enfrentá-los. Escorregadores, balanços, bolas, pneus, bambolês, balões, minhocão, balões, são materiais que não podem faltar no dia a dia das creches.

Ortiz e Carvalho (2013), defendem a ideia de que:

O ambiente precisa sugerir desafios motores possíveis de serem vencidos pelas crianças, mas organizados com conforto e segurança. Inicialmente os bebês talvez precisem de apoio, ajuda e incentivo nas suas descobertas motoras, mas normalmente se o que é colocado no ambiente é atraente, seguro e interessante, vai estimular por si só a criança a experimentar usar as diferentes partes do corpo e realizar diferentes movimentos.(p.67)

Também salientam que:

As crianças precisam se apoiar e ficar em pé sozinhas, um caixote de madeira pode ser este apoio, ou uma barra, elas podem subir e descer escadas baixas, entrar e sair em cubos e túneis, escorregar em uma rampa, entrar em um pneu recoberto de espuma e tecido, percorrer um circuito com rampas inclinadas, pneus, tocos, escada deitada. Enfim, é importante oferecer a oportunidade de explorar o ambiente por meio de movimentos diferenciados. As crianças precisam engatinhar, andar, correr, se pendurar, subir, descer, balançar, tentar fazer, acertar, errar, tentar de novo. Só desta maneira ela aprendem a conhecer seus limites e potencialidades.(p.67-68)

Como podemos ver, as possibilidades de fazer as crianças se movimentar são inúmeras, e conforme elas mostrarem que são capazes, podemos oferecer desafios e situações

⁸Anotações do caderno pessoal da autora.

que os levem a exercitar e ampliar suas competências com segurança. O importante porém, é garantir que a criança se sinta segura para experimentar movimentos ousados, respeitando o ritmo de cada uma.

2.4 – EXPLORAÇÕES DO AMBIENTE

O espaço da sala de aula é lugar de múltiplas aprendizagens, mas sair, conhecer outros lugares é melhor ainda. Conforme, Ortiz e Venceslau (2013, p.76)

Sair significa olhar a vida, sair do espaço protegido de si mesmo e ir em busca do contato com o outro. Sair significa diversificar aprendizagens, aprender a conhecer objetos da natureza, pedras, paus, folhas, flores, água, areia, bichinhos de jardim, um campo de investigação. Claro que é preciso tomar cuidado com o que a criança põe na boca, tamanho do objeto, porém é preciso olhar estes atrativos como possibilidades de descobertas e não como obstáculos. Só em contato com estes elementos é que as crianças poderão aprender por meio da orientação de um adulto que brincar com um tatu-bola não tem problema, mas com uma taturana sim, pois ela queima.

Segundo eles, o espaço externo é um mundo de descobertas, e por esse motivo não podemos privar as crianças de frequentá-lo. É um lugar de aventuras, de magia e de espontaneidade.

Dessa forma, Ortiz e Carvalho (2013), nos afirmam que:

[...] é no espaço externo que os sentidos são mais requisitados: há luminosidades diferentes, odores diferentes, vento que move os objetos, que afeta o corpo, pássaros, aviões, caminhões que passam, cachorros que latem. Este contato direto com o meio ambiente promove sensações relacionadas à vida cotidiana que dificilmente são reproduzíveis em ambientes fechados. (p.77)

Além de todos os estímulos que a natureza nos proporciona, sair do espaço da sala de aula, também é muito importante para a saúde das crianças, pois o sol é fonte de vitamina D, que previne o raquitismo.

A hora do parque é um espaço que aparece como sendo o espaço das crianças, ou o espaço onde os adultos menos interferem diretamente. Segundo, Ortiz e Carvalho (2013),

Quando crianças dominam o ambiente em que vivem e são capazes de fazer coisas por si mesmas, sem solicitar a assistência constante de um adulto, com segurança e confiança na exploração do ambiente, e dos objetos que o compõe, quando se sentem encorajadas a transpor os desafios inerentes, e quando por meio da convivência com seus pares e com os adultos acolhedores, podem construir valores de colaboração e solidariedade, então a creche se torna um lugar de bebês. (p.76)

Procuramos diversificar os espaços frequentados por nossos pequenos, ou seja, área coberta, parque da escola, ginásio da escola, quintal nos fundos da creche onde passa um pequeno riachinho. Temos também bem próximo a escola uma espaço com pedrisco (pedra brita) e um campo de futebol. De acordo com o planejamento solicitamos à Secretaria de

Educação transporte escolar para passeios e assim aproveitamos para conhecer também outros espaços onde as crianças têm a possibilidade de aprender novos conceitos e/ou consolidar aprendizagens.

2.5 – IDENTIDADE E AUTONOMIA

A criança se reconhece como tal a partir de reconhecimento do outro. A medida que são atendidas suas necessidades básicas, os bebês identificam as pessoas que cuidam deles e aprendem a localizar-se no ambiente.

Nas experiências de cuidado na creche, aprendem a vestir-se, alimentar-se e fazer a sua higiene.

Assim que nascem os bebês, permanecem aos cuidados de seus familiares, professores ou adultos próximos. Isso porque ainda não são capazes de reconhecer os próprios limites e os limites do outro. A família é o primeiro canal de socialização, em seguida a escola e a sociedade.⁹

Aos poucos com a ajuda dos adultos ela vai se tornando cada vez mais independente e autônoma. É também na creche que a criança conquista suas primeiras aprendizagens, forma o pensamento simbólico e se torna sociável. Não podemos esquecer que esta independência, precisa estar ligada a regras e limites, e que suas decisões devem respeitar o outro.

Segundo Ortiz e Carvalho (2013),

As crianças que frequentam ambientes coletivos precisam ter certeza de que, embora convivam com outras crianças o tempo todo, são únicas. Esta clareza é construída pela maneira como são tratadas, assim como seus objetos de uso pessoal: mochila, toalhinha, copinho, babador, calçados, roupas e utensílios etc. é importante que todos os objetos, sejam usados de forma individual e personalizada (p 65)

Existem diversas maneiras de personalizar o que a criança usa na escola: tarjetas com nome, a fotografia da criança. Estes identificam seu lugar, mostram de forma concreta que cada uma tem seu lugar garantido no grupo. Seu nome exposto em algum lugar não tem significado nenhum para a criança, mas ao lado de uma foto sua, sim. Na nossa sala de aula, procuramos identificar tudo o que necessário. No armário onde cada criança tem seus pertences personalizamos com uma fotona porta de cada uma. Percebemos também que a criança possui uma facilidade enorme em identificar o que é seu. Sabem dizer, qual é a sua mochila, sua garrafinha, a toalha, o babador, o travesseiro, suas roupas, calçados e pertences.

⁹Anotações do caderno pessoal da autora.

É importante estimular os pequenos para que façam coisas por si só, sem a vigilância constante do adulto, de forma segura e prática, como: guardar seus pertences no espaço destinado a ela, ajudar a guardar brinquedos e materiais usados.

Quando pequenas, mesmo sem capacidade de fazer os movimentos necessários para recolher a comida com a colher e leva-la até a boca, querem comer sozinhas. Isso deve ser incentivado, mesmo que elas façam muita sujeira. Alimentar-se sem ajuda de um adulto, significa, em um primeiro momento, deixar que a criança meta a mão no prato, se lambuze, que faça sujeira, e poucos adultos tem paciência para aturar. Eles querem que ela coma o que lhe dão na boca, e como em um passe de mágica, aprendam logo a segurar a colher direitinho e controlem seus movimentos em direção à boca. Mais ainda: querem que ela seja rápida e que não deixe cair comida.

Comer sozinha é uma conquista importante para a criança e não só do ponto de vista do desenvolvimento da sua capacidade manual. Comer pela própria mão é o começo da autonomia, da independência, de sua afirmação como pessoa. E é um prazer uma aventura.

Os contatos individuais, como a troca de fralda ou ida ao banheiro, são momentos de intimidade, assim como o toque, a voz, o olhar e o olfato, sendo que todos esses sentidos ajudam a tornar o momento exclusivo e fundamental.

A criança também se torna mais independente a medida que vai tendo um controle de seus esfíncteres. Essa é uma fase de descobertas, treino e aprendizado que deve ser acompanhada e orientada pelo adulto com paciência e tranquilidade. A criança aos poucos vai conhecendo seu corpo e se habitando à nova situação, abandonando as fraldas.

É preciso tomar cuidado para não reprimir a criança quando ela não consegue avisar e acaba molhando a roupa, pois tudo isso pode ter consequências negativas, tanto no momento quanto no futuro.

Sabemos também que cada criança é única e tem seu ritmo. Como a frase do cabeçalho do instrumento de avaliação do município de Tunápolis, “Crianças são como borboletas, algumas voam rápido, outras voam pausadamente, mas todas voam do seu melhor jeito” (autor desconhecido)

2.6 – LINGUAGEM MUSICAL E EXPLORAÇÃO CORPORAL

Qual é a criança que não gosta de música. As crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que as envolve. Brito (2008) no entanto, enfatiza que:

O envolvimento das crianças com o universo sonoro começa ainda antes do nascimento, pois na fase intrauterina os bebês já convivem com o ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, como sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação dos intestinos. A voz materna também constitui material sonoro especial e referência afetiva para elas. (p.35)

Nesse sentido, a música se faz presente na vida da criança, desde a gestação. Ela se torna um grande aliado dos pais e professores na hora de acalmar as crianças. Acalmar um bebê enquanto chora, ajuda a fortalecer seu vínculo com seu filho, acabando por criar uma aproximação efetiva entre a criança e o professor.

As crianças estão o tempo todo conectadas aos sons que o ambiente produz. Mesmo brincando ou fazendo outra coisa, ela está ligada aos barulhos que ouvem: porta batendo, telefone tocando, crianças falando ou cantando, carros, caminhões, motocicletas, cama elástica, sons da natureza, como vento, chuva, o som produzido por animais e muitos outros sons produzidos no ambiente escolar, bem como no espaço externo próximo a creche. As crianças, no entanto, devem ser estimuladas a identificá-los, percebê-los e valorizá-los.

Todo esse universo sonoro “vibra em diferentes frequências, amplitudes, durações, timbres e densidades que o ser humano percebe e identifica. Conferindo-lhes sentidos e significados.” (BRITO, 2008, p.140)

Ouvir música é muito divertido e estimula o movimento, o que é importante para os pequenos desenvolverem as suas habilidades físicas e motoras. As crianças aprendem se movimentando e imitando um adulto nos gestos que a música propõe. Se divertem muito, cantando, dançando, imitando gestos e tudo isto, contribuem e muito no desenvolvimento da memória.

Vale salientar que manter um nível de ruídos baixos, ajuda a criar uma atmosfera calma e tranquila nas crianças.

As crianças de 0 a 3 anos, ficam encantadas ouvindo músicas, acompanhadas de imagens que podem ser transmitidas através da televisão. É muito gratificante observar o olhar atento das mesmas ao ver reproduzidas coisas do que fazem parte do seu mundo, ou seja, animais e os sons que produzem; crianças cantando e fazendo gestos; carros e diversos outros personagens infantis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, vale lembrar que a criança que brinca é uma criança saudável. É muito preocupante para nós professores e para os seus familiares, quando há uma criança que não se

interesse por novidades, que não se divirta com situações inusitadas, que não seja curiosa. Cabe ao ambiente da creche, oportunizar brincadeiras e situações diversificadas, pois para cada criança, há pelo menos um canal de expressão, comunicação e prazer.

Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, o brincar proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção. Vale salientar que o ritmo que cada criança avança essas diretrizes, depende dos estímulos que irá receber.

O que é importante ter na creche? Ortiz e Carvalho (2013) nos deixam claro de que:

[...]um bom ambiente educacional: objetos oferecidos para a exploração que são atrativos para os bebês, espaço de locomoção livre para que cada um se movimente de acordo com suas competências motoras, crianças juntas no mesmo ambiente para que possam tocar-se, interagir, imitar umas as outras, e o mais importante, um adulto atento que não interfere na escolha do bebê, mas que percebe seu interesse e faz uma pequena intervenção para responder a sua necessidade. (p.119)

Esse é o dia a dia da nossa creche, estamos sempre tentando proporcionar as nossas crianças o que Ortiz e Carvalho (2013) nos sugerem:

[...]um ambiente de múltiplas experiências, que considere as diferentes vivências das famílias e suas histórias como parte do contexto. O ideal é que a criança, desde cedo, possa entrar em contato com tal diversidade, aumentando assim seu repertório e consequentemente sua capacidade de pensar e responder a diferentes desafios. (p.114)

Assim como as crianças são desafiadas no contexto escolar, também nós professores somos convidados a rever nossa prática. Embora as iniciativas escolares sejam sempre uma maneira de superar desafios, ainda são muitas as problemáticas em âmbito escolar a serem refletidas e superadas.

Sabedores de que a pesquisa em educação é sempre um campo instável e dinâmico, afirmamos que as considerações aqui apresentadas são passíveis de mudança. Mudanças necessárias uma vez que a cada ano temos novos desafios, novas singularidades, com a chegada de novas matrículas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Silvana. Um olhar cuidadoso. Revista *pátio educação infantil* abril/junho 2013 numero 35 p.40-43

BONDIOLI, Anna. (org). **O tempo no cotidiano infantil**: perspectivas de pesquisa e estudos de caso. São Paulo: Cortez, 2004 (falta edição e número total de páginas)

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, TecaAlencar De. **Música na Educação Infantil**: propostas para formação integral da criança. Editora Petrópolis. Ministério da Educação FNDE, 2013.

GOLDSCHMIED Elionor, JACKSON Sonia. **Educação de 0 a 3 anos. O atendimento em creche**. 2edição (2006) FNDE, 304 paginas

KISHIMOTO, TizukoMorchida. **Bruner e a brincadeira**. In: KISHIMOTO, TizukoMorchida. (org.). **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo: Pioneira 2002. 172p.

MAGALHAES, Rafaela Lopes; MARIOTTI, Aurora Joly Penna. **O uso de histórias infantis como contribuidoras no desenvolvimento da criança na Educação infantil**. In: MOSTRA ACADEMICA DA UNIMEP, IV. **Anais...** Ago.2007. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/4amostra/pdfs/524.pdf> acesso em 2 mar.2013

ORTIZ, Gisele e CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação**. Coleção Interações. Ministério da Educação FNDE. 221 páginas

PEIXE SAMPAIO, Débora Cristina e NEIVERT, Thaisa. **Creches Catarinenses: experiências de formação e práticas pedagógicas**. Núcleo de Publicações NUP

REDIN, Marita Martins; MÜLLER, Fernanda. **Sobre as crianças, a infância e as práticas escolares**. In: MÜLLER, Fernanda; REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins. (org.). **Infância: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007. 152p.